

# DOS BECOS DE GOIÁS AO PALÁCIO CONDE DOS ARCOS: UM ESTUDO SOBRE O FEMININO NA ÓTICA DE ROSARITA FLEURY

## FROM THE ALLEYS OF GOIÁS TO THE PALACE CONDE DOS ARCOS: A STUDY ABOUT THE FEMININE IN ROSARITA FLEURY'S VISION

Neimar Carlos SANTOS<sup>1</sup> (POSLLI-UEG)

Jane Adriane GANDRA<sup>2</sup> (POSLLI-UEG)

**RESUMO:** Este artigo se alinha à proposta do movimento de revisitação das Histórias Literárias sobre temas e escritores silenciados, por estarem vinculados a grupos minoritários. O projeto literário de Rosarita Fleury se divide entre poesia, contos e romances. Talvez o mais conhecido deles seja *Elos da mesma corrente*. Nessa obra, sua autora mescla História e ficção ao reconstruir o ambiente sociológico e geopolítico de Goiás no final do século XIX. Como mulher escritora, ainda pouco estudada nos meios acadêmicos, sua produção literária se ocupou do complexo ser e viver da mulher goiana. Analisar esse livro possibilitaria uma outra visão sobre temas e/ou épocas da História de Goiás ainda obscura e unívoca, analisada quase sempre sob o argumento falocêntrico. Outrossim, ao destacar o romance *Elos da mesma corrente*, fortaleceremos o arcabouço crítico sobre a produção artística e intelectual de uma autora vilaboense que persistiu na publicação de seus livros e resistiu aos ditames patriarcais em desmerecer a sua criação literária por ser mulher e escritora.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Elos da mesma corrente*; Rosarita Fleury; Feminino; Literatura Goiana; História e Ficção.

**ABSTRACT:** This paper is aligned with the proposal by the revisitation movement from the Literary Stories about themes and silenced writers, because they are binded to minority groups. The literary project by Rosarita Fleury is divided among poetry, short stories and novels. Maybe the best known of them is *Elos da mesma corrente*. In this book, the woman author mixes History and fiction by reconstructing the sociological and geopolitical environment of Goiás in the late nineteenth century. As a woman and a writer, still little studied in the academic circles, her literary production concerned about the complex being and living by the woman from Goiás. To analyze this book would enable another vision about themes and/or still obscure and univocal epochs of the Goiás' History, analyzed almost always under the phallocentric argument. Likewise, highlighting the book *Elos da mesma corrente*, we will strength the critical framework over the artistic and intellectual production of a vilaboense woman author that persisted in the her books publication and resisted the patriarchal dictates to detract her literary creation for being woman and writer.

**KEYWORDS:** *Elos da mesma corrente*; Rosarita Fleury; Female; Goiana Literature; History and Fiction.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Cora Coralina. E-mail: neimarcarlos@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no Curso de Licenciatura Plena em Letras - Português/Inglês, Câmpus Posse, e no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), Câmpus Cora Coralina. E-mail: jane2316gandra@gmail.com

## **Introdução**

Em meados da década de 50 do século passado, a escrita de mulheres escritoras surge atrevidamente, emplacando enredos sobre as questões de gênero, desvelando as disparidades entre homens e mulheres, por entre séculos de alienação e castração. Somente depois de se desligarem da tradição patriarcal goiana, por meio de sua arte literária, é que se iniciou um longo e árduo caminho de reconhecimento dessa incipiente, mas ousada, intelectualidade que denunciava um corpo feminino fraturado, proibido e sequestrado. Como citação, as escritoras goianas que conseguiram romper com o discurso do patriarcado e alavancaram a identidade feminina no bojo de suas obras são: Cora Coralina, Rosarita Fleury e Yêda Schmaltz, entre outras. O que instiga este estudo é que muitos desses nomes são esquecidos dentro do cânone local, composto, majoritariamente, por homens.

### **1. A produção literária de mulheres escritoras no cânone goiano**

Confrontando a tradicionalidade do cânone com os estudos revisionistas da pós-modernidade, as minorias notoriamente contestam essa validade. O discurso sob o prisma dos excluídos quanto ao modelo hegemônico no cânone legitima a negação do imperativo de superioridade cultural entre as obras. Por outro lado, os que defendem a tradição do cânone confirmam que as obras e autores canônicos são patrimônios da humanidade e logo isentos de questionamentos, uma vez que se encontram consolidados. Na observação de Terry Eagleton:

O discurso, em si, não tem um significado definido, o que não quer dizer que não encerre pressupostos: é antes uma rede de significantes capaz de envolver todo um campo de significados, objetos e práticas. Certos escritos selecionados como mais redutíveis a esse discurso do que outros; a eles dá-se o nome de literatura, ou de “cânone literário”. O fato de esse cânone via de regra ser considerado razoavelmente fixo, por vezes até mesmo eterno e imutável, tem um sentido irônico, porque como o discurso literário crítico não tem significado definido [...]. De fato, este é o problema da crítica literária, definir para si mesma um objeto específico, a literatura embora exista como uma série de técnicas discursivas que não tem razão de ficar aquém deste objeto [...] (EAGLETON, 2006, p. 304).

No Brasil, a hierarquização do cânone não fugiu à regra herdada da cultura ocidental classicizante. As mais importantes produções científicas publicadas no país se orientaram sob essa rigorosa e tendenciosa ordem. Contudo, não existe uma consonância de

quando se iniciaram estes estudos, os quais têm como expoentes: Silvio Romero, José Veríssimo, Eduardo Portela, Ronald de Carvalho, Afrânio Coutinho, Antonio Candido, Haroldo de Campos, entre outros. Os dois últimos constituem o aporte da discussão mais recente. Portanto, a investigação dentro do recorte contemporâneo e a produção acadêmica sobre o tema cânone ficaram pautadas no destaque de Antonio Candido. A partir de uma perspectiva da sociologia, percebe-se a literatura retratada sob uma ótica tradicional em um montante de obras sucessíveis, que reforçam algum tipo de reprodução de valores e significados.. “[...] Um elemento relativo e outro absoluto; um externo, outro interno; um histórico e outro estético. Em consequência, uma crítica, ou melhor, um ensino da literatura que procede do conhecimento dos fatores literários historicamente ordenados [...]” (CANDIDO, 1975, p. 315).

Vale ressaltar que o estudo do cânone, usualmente, está ligado à exclusão. Ou seja, rechaçam-se as obras que se distanciam e/ou não propagam as qualidades e sentidos dos enaltecidos e já consagrados. O critério de seleção e suas definições e o encadeamento anexam relações de poder e seleção dos autores que compõem o seletivo grupo, tornando-o um tanto quanto questionável, devido à imparcialidade e ao trato que atendem a seus interesses.

Muitos teóricos tentam justificar o discurso canônico fundamentados na perspectiva da propriedade estética do texto, mascarando as intenções políticas ideológicas, favorecendo e estabelecendo determinados interesses em detrimento de outros. Sobre o assunto, Perrone-Moisés (1998) considera que a atribuição de interesses literários ao cânone é “exclusivar” interesses de classes ou grupos e restringir a função da literatura na sociedade (1998, p. 197).

Partindo para o destaque sobre as proposições da constituição de um campo normativo sobre a produção literária brasileira, temos, simultaneamente, as que defendem um rígido cânone ocidental e os culturalistas que, por muitas das vezes, militam a favor da exclusão do próprio cânone. Se há uma formação problemática do circuito autoral brasileiro, é praticamente impossível que essa estrutura patriarcal, tendenciosa e sem equidade não seja espelhada nos âmbitos regionais. As primeiras incursões feitas na Historiografia Literária nacional sobre a literatura goiana, não foi surpresa deparar com ínfimas fontes de pesquisas. Mesmo em estudos pós-modernos, os assuntos ligados à literatura goiana ainda é predominante regidos pela tradicionalidade do estudo literário.

Na obra *Estudos Goianos I*, Gilberto Mendonça Teles estabelece metodologicamente uma esquematização de nossa tradição literária, com critérios cronológicos, políticos e culturais. Seu alcance vai desde a fundação do primeiro jornal goiano – que consegue provocar somente as publicações jornalísticas simpáticas aos ideais abolicionistas e republicanos, sendo escassa o número de produções literárias –, até o ano de 1956, estabelecido como o *boom* da literatura goiana.

Os estudos de Mendonça Teles o anunciam como arauto-mor por convenção acadêmica das análises da literatura goiana. Contudo, percebemos que a divisão proposta por este crítico literário no que tange à transformação da literatura goiana, não contempla outros movimentos culturais e mais nomes da produção artística intelectual que ficaram de fora desse panteão histórico literário goiano. Também não será diferente enquanto a reflexão sobre o cânone literário estiver coadunada ao poder de confrarias intelectuais e ao poder das universidades, que sempre tendem a repercutir mais do mesmo.

Por trás da definição de literatura está um ato de seleção e exclusão, cujo objetivo é separar alguns textos, escritos por alguns autores do conjunto dos textos em circulação. Os critérios de seleção segundo boa parte dos críticos é a literariedade imanente aos textos, ou seja, afirma-se que os elementos que fazem de um texto qualquer uma obra literária são internos a ele e dele inseparáveis, não tendo qualquer relação com questões externas à obra escrita, tais como o prestígio do autor ou da editora que o publicou, por exemplo. Entretanto, na maior parte das vezes, não são critérios linguísticos, textuais ou estéticos que norteiam essa seleção de escritos e autores. [...] Entra em cena a difícil questão do valor, que tem pouco a ver com os textos e muito a ver com posições políticas e sociais (ABREU, 2006, p. 39).

À medida que comparamos a literatura goiana com outros sistemas literários, concordamos que, de certa forma, ela esteve sempre à margem do panteão canônico da literatura brasileira, com algumas breves exceções. Ao evidenciar o que coteja a regra do estatuto literário (posições sociais e os lugares do discurso de poder político), tal posicionamento agrava-se quando esse cânone é agudamente voltado para os interesses da cultura patriarcal. A cultura literária goiana, mesmo não sendo um notório participante do conjunto canônico nacional, ela reproduz e legitima os rigores falocêntricos em relação aos meios de produção, publicação e espaço de notoriedade para mulheres escritoras. A peculiaridade está na forma mascarada e negligente de como se apresenta a trajetória e composições das autoras goianas junto à história artística e cultural do estado.

A participação feminina nas Histórias Literárias goiana aponta para uma cena

peculiar em relação ao contexto literário brasileiro. A história tradicional registra que a efervescência do labor da mulher na cultura goiana (principalmente, na literatura) dá-se no final do século XIX e início do século XX, sendo elas as pioneiras, com produções em revistas de épocas, agremiações e jornais. Os estudos ainda ressaltam que a figura feminina perpassa os mais variados gêneros de atuações, desde a moda até crônicas e poesias. Em destaque, temos Honorata Minervina de Mendonça, considerada a primeira escritora goiana a publicar um livro, em 1875.

A pseudoliberalidade artística da mulher goiana neste contorno temporal justifica-se devido ao afastamento interiorano de Goiás, além da sua posição geográfica longe do eixo Rio-São Paulo. Ainda é acrescido pela descentralização do poder político, da prepotência local dos coronéis, da pobreza e da ignorância imperadas no sertão. Tais fatores levaram ao enfraquecimento cultural dentre os homens, gerando um meio intelectual uniforme entre homens e mulheres. Dessa maneira, não havia, portanto, como impedir a participação feminina da produção artística:

Se o contexto geral de educação e literatura, ao lado do desenvolvimento social, político e econômico, era uma negatividade total para o homem, ainda mais nebuloso o era para a mulher. Entretanto, este fato lamentável para a vida intelectual em Goiás talvez tenha sido a redenção da mulher goiana. Não havendo uma representatividade significativa masculina, não existiam barreiras discriminatórias ou critérios comparativos da criação artística. Outro aliado importante à causa da mulher foi a vinda de elementos femininos de centros mais adiantados, que forçariam a mudança de certos hábitos da sociedade local. Os poucos homens que saíam da Província de Goiás para estudar, em São Paulo e Rio de Janeiro, muitas vezes voltavam casados, trazendo mulheres com outra formação cultural. Goiás não possuía tradição cultural; os hábitos e costumes eram permissivos e prejudiciais à formação de um povo saudável, por isso os homens que vieram, ainda no período colonial, para assumir cargos administrativos, contribuíram, mesmo que em parcela menor, para o desenvolvimento de Goiás (AIRES, 1996, p. 47).

Outro impulso favorável para a presença das mulheres nas letras goianas deu-se com a transferência da capital do Estado, que destacou mais uma vez os pensamentos e a arte de escritoras nos jornais e revistas, dentre elas Rosarita Fleury, Nelly Alves de Almeida, Genezy Castro e Silva.

Depreende-se, ao final da exposição sobre esse assunto, que os estudos mais extensos sobre a Literatura Goiana, os de Gilberto Memdonça Teles, repercutem o discurso hierárquico do ponto de vista da ideologia das diferenças. Ou seja, é o discurso falocêntrico e as suas relações de poder legitimando um cânone que é a extensão da sociedade organizada a

partir dos discursos masculinos. A relação que se estabeleceu entre o discurso da história da literatura com o discurso da cultura patriarcal, mesmo que camuflada, fez com que a arte da mulher em Goiás fosse excluída e, comumente, desfavorecida na sua identidade.

No caso particular de Cora Coralina, mesmo sua permanência no cânone nacional se dever a qualidade de suas composições, talvez essa escritora estivesse no ostracismo literário até hoje, se não fosse apresentada e avalizada pelo reputado poeta Carlos Drummond de Andrade.

Sobre Cora Coralina, é preciso ressaltar que ela deixou suas próprias marcas na escrita feminista, ora antecipando a emancipação da mulher, ora deixando sua figura simbólica na arte literária. A autora foi arauto da voz feminina historicamente silenciada e vanguardista na ruptura do discurso falocêntrico predominante na construção da História da Literatura goiana. Clóvis Carvalho de Brito (2006) afirma que, não apenas denunciou as ausências, mas também apontou outros tipos de silêncios. Cora Coralina se tornou fonte de mulher sobre mulheres, permitindo-nos compreender como e por que ela refletiu sobre a sociedade de seu tempo.

## **2. Outras vozes da intelectualidade goiana, revisitando Rosarita Fleury**

Além de Cora Coralina, Goiás tem uma série de mulheres escritoras, que aguarda ainda o momento de serem lidas e estudadas. Por isso, alicerçados nos fundamentos dos Estudos Culturais, este artigo pretende visitar uma obra da escritora vilaboense Rosarita Fleury (13/10/1913), *Elos da mesma corrente*, cuja primeira publicação se deu em 1958. Embora, Fleury tenha ganhado o prêmio literário Júlia Lopes de Almeida com este livro em 1959, o seu projeto literário não teve nenhum destaque nesses sessenta anos junto às Histórias Literárias. Infelizmente, sua ficção não conseguiu romper com as fronteiras locais para alcançar o eixo Rio-São Paulo, espaço cultural, de promoção mercadológica e de notoriedade em âmbito nacional. Muitos fatores estão por trás desse ostracismo, talvez o mais significativo deles seja a desconfiança sobre o talento das mulheres em qualquer tipo de atividades que esteja relacionada a espaços públicos, como é o caso dos escritores. Para grupos sexistas, escrever sempre foi um ofício masculino. Acaba que o ingresso de mulheres no meio intelectual é esvaziado de importância pelo simples fato de não serem homens.

Porém, o mais espantoso dessa invisibilidade social do segundo sexo, aludindo a uma expressão de Simone de Beauvoir, é quando, de forma arbitrária, a vida e o corpo feminino sofre intervenções da Igreja e do Estado. Sob uma tutela vigilante e ininterrupta, a mulher, ao deixar a casa paterna, passa a ser regida por um *novo velho* homem.

Desde solteira, Rosarita Fleury já escrevia sem, contudo, conseguir publicação para as suas criações artísticas. Depois de casada, parece que ela entende que deveria negociar a sua obediência de esposa para, assim, publicada as suas letras. O episódio da interferência do marido em postergar e/ou abandonar escritos<sup>3</sup>, que desejava realizar, é um claro exemplo disso. A criação de *Elos da mesma corrente* surgiu depois de um desses vazios causados pela *docilidade* irrestrita às opiniões do *Senhor marido*.

Apesar da mão patriarcal ter pesado sobre o que e quando publicar, Rosarita Fleury é autora de mais de uma dezena de escritos que se dividem entre poesia, contos e romances. Sendo, provavelmente, o de maior destaque *Elos da mesma corrente*, não somente pelas particularidades que antecederam à sua composição, mas também por ser um romance histórico que documenta o ambiente sociológico e geopolítico de Goiás no final do século XIX, sob a perspectiva feminina. Para nós, esse livro ganha vigorosa distinção quando se ocupa no primeiro plano da narrativa do viver e ser da mulher goiana no Oitocentos, já que o protagonismo é dado às moças do patriarcado Prado Vilhem. Outrossim, ao destacar o romance *Elos da mesma corrente* como nosso recorte analítico, fortalecemos o arcabouço crítico sobre a produção artística e intelectual de uma autora vilaboense, que insistiu em continuar escrevendo, mesmo diante da falta de recurso financeiro para bancar as suas publicações<sup>4</sup>, ou diante das inexplicáveis negativas de editores, que desqualificavam seus livros, sem ao menos os lerem.

Mesmo diante desses impedimentos, Rosarita Fleury conseguiu imprimir o reconhecimento de ser uma importante escritora no cenário goiano. As suas habilidades ficcionais podem ser descritas por sua arte em criar personagens autênticos com

---

<sup>3</sup> Antes de escrever *Elos da mesma corrente*, Rosarita Fleury desejava realizar um projeto de criação sobre fatos do Paraguai. Como o marido não podia se ausentar de suas funções para acompanhá-la em uma viagem para estudos históricos acerca do tema *in loco*, ele a convence a trocar por um assunto que não precisasse se deslocar da cidade. Daí surgiu a ideia de acontecimentos ocorridos com uma família notória de Vila Boa de Goiás. Sobre o romance inicial, Rosarita nunca mais viria a retomá-lo.

<sup>4</sup> A publicação de *Elos da Mesma Corrente* somente foi possível depois que Rosarita Fleury foi desafiada por um amigo de seu marido, que financiou a tiragem do seu romance.

personalidades marcantes, particularmente na performance das suas heroínas nas relações familiares e com o patriarcado local. Assim, assuntos voltados ao mundo multifacetado e de interditos das mulheres aparecem inseridos na esfera ficcional fleuriana com leveza e argúcia acompanhada de doses sutis de ironia que, para o leitor ingenuo, poderá passar despercebido. Seu horizonte discursivo aborda desde a instrução afrancesada recebida pelas goianas, passando pelo contraditório papel materno que cultiva e incentiva um espírito misógino dos filhos homens, alargado pelo paralelismo patriarcal entre matrimônio e patrimônio, até tocar em temas silenciados relacionados às pressões sociais e catolicistas, como o divórcio, a solteirice da mulher madura, a solidão feminina, a velhice, a loucura e a histeria.

Portanto, estamos frente a interessantes inovações intelectuais, na busca de novas formas de abordar o passado: entender a sociedade goiana oitocentista, o seu dialeto e o dos negros; as famílias abastadas, detentoras do poder local e o reflexo da escravidão nesse período em Vila Boa de Goiás. Entretanto, não é nossa pretensão reduzir esteticamente *Elos da mesma corrente* para vê-lo somente como mero portador documental, mas provar, por sua vez, a transdisciplinaridade e interculturalidade entre arte e as ciências.

### **3. A estilística de Rosarita Fleury, um olhar feminino a partir do Palácio Conde dos Arcos**

*Elos da Mesma Corrente* é um romance de caráter regionalista, genuinamente protagonizada por mulheres, cuja trama se passa na Antiga Capital de Goiás, no final do século XIX. O notável sobre esse objeto em análise se dá ainda na tentativa de incrementar o perfil de romance histórico romântico, quando recupera um fato verídico ocorrido no seio de uma das famílias vilaboenses mais tradicionais da região, colocando os envolvidos como personagens históricas no primeiro plano ficcional. Contudo, bem ao tom da época, forja um pseudônimo para elas, a fim de evitar o constrangimento da revelação.

Uma das particularidades do estilo fleuryano é o cuidado com o trato da linguagem e do vocabulário regional, visivelmente há um grupo de personagens que reproduzem o falar provinciano e outro que apresentam o falar do negro naquela época. Esse recurso provoca, porém, duas consequências, a primeira, positiva ao reforçar a



SANTOS, Neimar Carlos; GANDRA, Jane Adriane. DOS BECOS DE GOIAS AO PALÁCIO CONDE DOS ARCOS: UM ESTUDO SOBRE O FEMININO NA ÓTICA DE ROSARITA FLEURY.

verossimilhança da narração por meio do pormenor linguístico, a segunda, não muito promissora, pois provoca um ritmo lento na leitura do romance, quando a autora transcreve foneticamente a fala dos escravos.

Além do dialeto local, *Elos da Mesma Corrente* recompõe com realismo, verossimilhança e criticidade outros costumes goianos: a religiosidade, a política coronelista, a exclusão e a submissão das mulheres, a escravidão, a relação familiar construída em Goiás, pelas longas permanências do clã no campo, passando o espaço da cidade para momentos esporádicos somente no intuito de selar acordos matrimoniais e comerciais. Esse romance aborda de maneira fidedigna as convenções e os conflitos sociais típicos da vida burguesa goiana, bem como a influência dos padrões da educação feminina francesa no momento narrado.

O leitor que se interessar pela leitura desse livro constatará com o retrato de uma família tradicional, detentora de poder econômico e político, vivendo sob uma estrutura cultural voltada ao patriarcado. O romance deslinda o papel da mulher neste tipo de sociedade, onde ela deveria ser devota ao casamento bem-sucedido, à administração da casa e aos cuidados dos filhos. Reflexo de uma cultura que, conforme Joíza Adriana Sousa (2011), articula as relações sociais de um sistema de cultura patriarcal, mostrando o que uma mulher “deve” ser e não o que ela é.

Na trama fleuryana, o Palácio Conde dos Arcos era o espaço privilegiado para a realização dos bailes frequentados pela elite política e econômica da antiga capital de Goiás. Estes encontros tinham duas motivações: por um lado, firmar o poder oligárquico entre os membros dos clãs tradicionais; por outro, expor as jovens à procura de um casamento economicamente promissor, lembrando que o pacto matrimonial era firmado primeiro pelos pais. O casamento era uma poderosa ferramenta de consolidação de poderes políticos e econômicos entre as famílias.

Em um dos episódios da trama, nos preparativos para um desses bailes no palácio, as ações de Carolina evidenciam uma personagem eloquente e determinada, muito diferente da maioria das moças goianas daquele tempo e, porque não dizer, em alguma medida, dos tempos atuais:

SANTOS, Neimar Carlos; GANDRA, Jane Adriane. DOS BECOS DE GOIAS AO PALÁCIO CONDE DOS ARCOS: UM ESTUDO SOBRE O FEMININO NA ÓTICA DE ROSARITA FLEURY.

- Cum verde sinhazinha fica mais veia. Cum branco fica parecendo uma mocinha de pintura – comentou Sebastiana.
  - Então eu vou com o verde. Estou cansada de ser menina. Quero é parecer mais velha.
  - É... Mais os caichinho ficam mais bonito no branco no que do verde... muito mais bonito.
- Carolina não deu resposta. Preocupada demais com a escolha. Se o verde fosse mais decotado! Tão bom ficar com os ombros inteirinhos de fora! Raul havia de gostar de ver meus ombros!... No outro baile me achou encantadora!... Queria que me achasse linda hoje.
- Você pode cortar este decote... Aumentar um pouco mais e por umas flores nos ombros!...
  - Deus me livre! – Falou Sebastiana. – Sinhá Anja num que sabê de decote grande não... Esse ta muito bão! Pra qué mostrar mais? (FLEURY, 2006, p. 87).

Levando em consideração a personagem em discussão, relacionando ao ano da publicação desta obra – que se dá paralelamente com a efervescência das ideias feministas – Carolina se apresenta como uma moça inquieta e intransigente, segundo às imposições para as mulheres de sua época. Talvez, ela seja a personagem que mais se aproxima da própria autora, como um alter ego, segundo algumas especulações de críticos da literatura goiana.

Estudos apontam que, de acordo com Celi Regina Jardim Pinto (2003), na década de 50 a efervescência do movimento feminista se alargava no Brasil. O movimento revolucionário em curso colocava em cheque os valores conservadores da organização social, questionando hierarquias vigentes nos âmbitos públicos e privados. Em outro momento, Carolina rompe com as regras normativas do recato feminino em um diálogo com sua irmã mais velha Isabel:

- Eu acho que marido não é como veludo-do-mato que a gente passa o galho e apanha para comer. Eles é que devem vir, espontaneamente, à nossa procura. Eles é que são os conquistadores. Não nós, as mulheres. Eu penso assim, eu só me casarei com quem me conquistar.
- Então você ficará solteira. Essa história de ser conquistada já passou de moda. A gente é que escolhe reservadamente e fala para a mãe. O pai, então resolve o noivado. Comigo tem que ser assim (FLEURY, 2006, p. 107).

Neste contexto, Rosarita nos faz refletir, a partir das discussões de Lúcia Osana Zollin (2009), que a submissão cultural feminina é fruto de uma evolução alicerçada em um princípio econômico, segundo o qual o homem é provedor dos recursos financeiros. Logo, tinha o direito de decisão em todas as esferas. Especificamente nesse caso, parece que a autora cria um ambiente propício para contestar essa subordinação tradicional da mulher, de anulação da sua vontade devido ao imperativo socioeconômico masculino.

Como podemos notar, *Elos da Mesma Corrente* é uma obra completamente em prol da escrita feminina e pelo feminino, além de apresentar, já naquele tempo, parte do cabedal ideológico e político de nossa época. O enredo deste romance, assim como a personagem em evidência, alavanca as discussões sobre a condição social da mulher, atualizando a leitura desse romance fleuryano. Carolina é a representatividade do que se pode chamar de “mulher à frente de seu tempo”. Compreendemos, portanto, que Rosarita aproxima anacronicamente o ficcional do factual, ou seja, do momento efervescente que ela vivia.

Ademais dessas particularidades que, certamente, suscitarão a curiosidade de outros pesquisadores em estudos mais detidos sobre Rosarita Fleury, acrescentamos que a quebra dos padrões vigentes ainda se manifesta na descrição de cenas de sutil erotização do corpo da mulher, comportamento nada convencional para uma época em que assuntos relativos a sexo eram vigiados e amplamente condenados pela igreja e pelo patriarcado, antes das bodas nupciais. Para aquela que ousasse, e sendo descoberto o infortúnio, manchava não só a sua reputação, como levava a desonra para o grupo familiar.

De pé no tronco nodoso, Carolina se recostara com languidez no espaldar feito de galho retorcido. Contra seu corpo roliço o vento em lufadas fortes, ajustava o vestido, pondo em tamanho relevo as formas exuberantes que chegava a ser uma impudicícia. Ela, no entanto, nada se acanhava, o sorriso provocante e convidativo aberto para Marcelo que, aos poucos se aproximava, encantado ao ponto de não perceber que já estava muito próximo, que não era direito tomar suas mãos e acariciá-la nos ombros como fazia. Sem nenhum pejo e com o busto arfando de puro gozo, Carolina não tirava do rosto do noivo seu olhar preguento de melado [...] (FLEURY, 2006, p. 374).

O ambiente masculino hostil não desencoraja a autora a criar na obra uma situação luxuriante, tentando romper com a diferença entre gênero e sexo, ponto em que se aproxima das discussões propostas na atualidade por Judith Butler (2003). A mulher sempre esteve na condição de ser desprovida de desejos sexuais. Rosarita Fleury traz à baila a questão da liberdade da mulher sobre diversos âmbitos, independentemente do tempo em análise. Butler (2003) considera que a ideia do *tornar-se mulher* está ainda em processo, porque não sabemos determinar uma origem ou um fim, na medida em que o corpo é uma materialidade produzida socialmente, na interação, não há nada que seja da própria natureza do ser. Assim, o que apreendemos por homem/mulher, masculino/feminino (tanto em relação ao sexo, quanto em

SANTOS, Neimar Carlos; GANDRA, Jane Adriane. DOS BECOS DE GOIAS AO PALÁCIO CONDE DOS ARCOS: UM ESTUDO SOBRE O FEMININO NA ÓTICA DE ROSARITA FLEURY.

relação ao gênero), para a autora, foi algo cultural e historicamente estabelecido por meio de performatividades heteronormativas.

### Considerações finais

A riqueza da literatura goiana, com toda sua diversidade, constitui um cenário labiríntico, fazendo dela um amplo campo para o entendimento na área social, que é interesse de qualquer área das ciências humanas. Esse patrimônio literário goiano adita e se enriquece mais com a produção intelectual e artística feminina.

Esperamos que tenha sido evidenciado que a produção literária de Rosarita Fleury provoca a derrocada da falácia de que escrever seja um ofício particularmente para os homens. Essa escritora subtrai para si o emblema de vanguardista no sentido de denunciar a ordem fálica vigente na produção literária feminina. No bojo da sua criação ficcional, as personagens principais são mulheres segregadas pela sociedade oligárquica e patriarcal na Cidade de Goiás. Não importando a condição social, a mulher tem no seu histórico a violência e a falta de liberdade; nesse viés, Rosarita Fleury se amotina contra isso, usando da literatura como a sua mais infalível ferramenta.

### REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. “Cultura Letrada: Literatura e leitura”. São Paulo: UNESP, 2006. AIRES, Eliana Gabriel. **O Conto Feminino em Goiás**. Goiânia: Ed. UFG, 1996.

AIRES, Eliana Gabriel. **O conto feminino em Goiás**. Goiania. Editora UFG, 1996.

BRITO, Clóvis Carvalho. “Sou Paranaíba pra cá”: **literatura e sociedade em Cora Coralina**. Dissertação, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, 2006.

BRITTO, Clovis Carvalho. **Um teto todo seu: o itinerário poético e intelectual de Cora Coralina**. Anais do XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e do III Seminário Internacional Mulher e Literatura – Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural. Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus/Bahia, 2007

SANTOS, Neimar Carlos; GANDRA, Jane Adriane. DOS BECOS DE GOIAS AO PALÁCIO CONDE DOS ARCOS: UM ESTUDO SOBRE O FEMININO NA ÓTICA DE ROSARITA FLEURY.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira**. 7. ed. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1993.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FLEURY, Rosarita. **Elos da Mesma Corrente**. 3ª.ed. Goiânia, ICBC, 2006.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

SOUSA, Joilza Adriana. **A representação das personagens femininas em Elos da Mesma Corrente, de Rosarita Fleury**. Dissertação, Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2011.

TELES, Gilberto Mendonça. **Estudos Goianos I e II: A crítica e o princípio do prazer**. Ed. UFG, 1995.

ZOLLIN, Lucia Osana. “Crítica Feminista”. In: BONICCI, Thomas & ZOLLIN, Lucia Osana. **Teoria Literária: Abordagens Histórias e Tendências Contemporâneas**. 3ª ed. Maringá: EDUEM, 2009.

Recebido em 30/11/2018  
Aprovado em 20/01/2019